

breve ensaio sobre o amor e a amizade

Ursulina Unurina

Abel pingava ainda a cera liquefeita dos ouvidos nas fendas que a tia Sara ganhara na pele. Sara. Sara, a tia de pernas de pau, era um incêndio. Quando entrou Carlos com as mãos cerradas sobre o peito e a alegria de trazer-nos o jantar dentro da boca, eu entornava a água imunda que dos banhos inundara o nosso quarto. Toma, faz com isto um chá. Imaginei que me ausentava a outro mundo onde o silêncio é infinito, e Carlos ao chegar olhava a violência dos meus dentes a caírem. Brancos podres como um fruto corroído pelo bicho. Toma, faz com isto um chá. Numa mão trazia a esterilidade quebradiça e loira de mil fios, cabelos que trouxera, na passagem pela vila, de uma criadita inexperiente. Imaginei que dizia quero que abras o meu peito e te alimentes, como se agora o mar que te atravessa fosse um sangue, como se as memórias recuassem aos almoços na aldeia junto ao forno, as refeições inteiras da avó, tão inacreditável de tão velhinha de tão triste de tão nossa. Amor. Sorri do absurdo da crença. Nada soa no vazio áspero da nossa morte precoce. Sara, a tia de pernas de pau, entrara sem sorrir e sem pastéis e sem as tardes recolhidas no meu colo a vê-la de um sorriso que cegava. Eu dizia Abel, não exageres na temperatura, que se isso ferve, se a cera lhe ferve, as pernas ardem. A tia Sara, com duas finas e cansadas pernas de pau, era um incêndio. Soubessem eles que algures, no deserto forjado de uma luz crepuscular absoluta. Os meus dentes caem. Carlos diz agora o impossível: o tempo de cair o dia, célere como um abismo. O tempo de um dia a cair. Estendeu a mão para o meu colo debruçado sobre o tacho. Hoje, quando a noite cair grossa nas janelas como um fogo invisível, ascenderemos à pobreza de um frio tão, tão, tão indelével. Estendeu a mão para o meu colo e disse toma. Faz com isto um chá. Abel torcia o pano que encharcara ao limpar com a saliva as pernas rudes da tia Sara. A água deve ser poupada como um ponto que se perde, a esmorecer eternamente sem retorno, para nunca mais. Sara, a tia de pernas de pau, estancava o sangue de um golpe que a fome lhe infligira no estômago. Às oito e meia, o dia pôs-se exausto sob o corpo abandonado da amante que depressa o consumiu.

Já se vêem os dias, não acham? Já se conhecem os dias, quero dizer, já se conhecem.

Já se vêem os dias, sim. Já se conhecem.

Os meus dentes estão a cair.

Tenho uma cola.

Emprestas-ma?

Amanhã, pela madrugada, os meninos filhos de gente rica acordarão sem darem conta dos rios de vômitos que fluem estanques pelas ruas. Quando o meu pai, de posto superior na hierarquia militar, dos bolsos retirava um brinquedo para dar-me, eu era um

instante de paz. Mas logo que se sumiu, vê-lo partir foi-nos um regresso à primeira perda. Para mim e para Sara, a tia de pernas de pau, morrer-nos a minha mãe fora uma febre indomável sobre o corpo. Quando o meu pai voltou da guerra, transformado num vírus, trouxe um amigo que connosco ficou. Olhou-me tenso com um medo que apenas às madrastas cabe.

Lamento muito. Mas não quero que penses que venho substituir a tua mãe.

A minha mãe não tinha pila. Vai à merda.

Helena, respeita o meu amigo.

Quero que ele se foda.

A tia Sara olhou-me aflita, mas sorria. Pensei eu que por me ver tão incisiva na defesa da irmã que visitara pouco antes, no cemitério. Tentara levar-me, eu recusara. Contudo, quando à noitinha a vi espreitar pela ranhura para o quarto do meu pai, de onde se erguiam os gemidos que no sexo se libertam, e a ouvi, num murmurar quase inaudível dizer, virou panasca, soube que sofria por não ter o peso dele a serenar-lhe a carne. Vi-a sentar-se num degrau e abanar a saia. Sara, a tia de pernas de pau, era um incêndio. Saiu. No dia seguinte, desganhada pelo vento, a camisa de dormir colada às rodas dos mamilos, entrou como se nada atormentasse aquela casa, e comigo deitada no chão, olhando o tecto que se desfazia, agachou-se junto a mim e a chorar anunciou que tinha um filho na barriga.

Ajuda-me a tirá-lo. Este não o quero, não o conheço. Quero um filho do teu pai.

O meu pai está morto. Não há-de dar-te coisa alguma.

Quero um filho do teu pai, um irmão para ti.

Será meu irmão na mesma.

Assim, a tia Sara guardou por alguns meses no ventre o produto do seu desvario nocturno. Nunca dela se soube de quem era o esperma, nem nunca alguém ousou perguntar-lho. O meu pai estava cada vez mais íntimo do seu amigo, com quem gemia o dia todo por amor levado ao extremo. Encontrei-os uma vez sob a ramada junto à porta traseira. Ao contrário do que dissera a tia Sara, ideia em que sempre insistia, nenhum deles enfiava a coisinha no cu do outro. Beijavam-se, simplesmente. Soube então que era infrutífera a minha luta pela solidão. Ninguém se eleva a ser humano sem que sinta tal fulgor roer-lhe as tripas. Urgia que me desse a uma tal amizade. Enquanto isso, ao longo do tempo em que me consumia na preparação de um plano que me guiasse na conquista de amigos, a tia Sara inchava-se de um modo inconcebível para a fragilidade das suas pernas de pau. Porém, quando o meu pai se oferecia para ajudá-la com os

pesos, ela dava-se à fúria de dizer-lhe que de peso precisava ela, e que não se preocupasse com as pernas, que a muito longe já elas a tinham levado. Adalberto, o amigo do meu pai, sorria como um parvo a tudo quanto se dizia, mesmo quando eu, farta de vê-lo em tal estado alienado, lhe berrava **PANELEIRO VAI À MERDA O TEU CU É UM TEMPLO DE BACTÉRIAS COME LIXO FODE A VIDA A QUEM QUISERES MENOS A MIM QUE TENHO NOJO DE TANTA SIMPATIA** num só rosto, num só homem, numa miséria tão grande. Fazia-se, então, silêncio. A tia Sara cosia os buracos das cuecas. O meu pai limpava o negro das ranhuras do azulejo. O Adalberto sorria. E passava a ferro em cima duma cadeira. Eu cortava couves com um garfo numa mão e uma faca nas costas. Repetia baixinho que, quando crescesse, o mundo não seria assim. Haveria a minha mãe e um amigo, pelo menos, mais os livros e os filmes e as canções de que ouvira falar, numa visita à vila.

Mas os dias sucediam-se num hábito incorruptível. O meu pai parecia-me, finalmente, feliz, mesmo na ausência daquela que a mim tanta falta me fazia, mesmo depois da guerra, mesmo depois de lhe ter dito, em jeito de agressão, que mais valia que morresse de uma vez, ao invés de dar à tia Sara ciúmes tão fartos, pelos quais, mais que uma vez, ela sofrera hemorragias vaginais graves. O certo é que a criatura que dentro dela se formava não parava de crescer. Senti, ao encostar-me junto da minha tia, nas manhãs em que o temporal nos impedia de escavar, com tudo em lama, os pezitos da coisa a darem socos retumbantes lá de dentro para fora. O mundo. O Adalberto sorria. Só o não fazia nos momentos em que a tia Sara começava a gritar que lhe doía a cona até um ponto indefinível nas entranhas. Sangrava, daí a instantes, de um modo tenebroso e enjoativo. O Adalberto vinha sempre socorrê-la.

Este filho da puta vai mas é matar-me. Olhe-me só para isto.

Tenha calma, logo passará.

Não sei, não.

Acredite.

Eu sabia que a minha tia Sara, a tia de pernas de pau, disfarçava na presença do apêndice que o meu pai trouxera para casa. Não queria que se pensasse que sofria por amor a tal ponto. No entanto, tudo se tornou tão rotineiro no seio da nova família, que depressa nos habituámos aos atritos e aos momentos pacíficos que restavam ainda. Já ninguém se afligia com os sangramentos da tia Sara, ajudávamo-la, apenas. O meu pai e o Adalberto, cada vez mais apaixonados, discutiam por merdinhas que não lembravam ao diabo. Ouvia-se, por vezes, a minha tia sussurrar para o bebé que carregava. Chorava

também, quando o meu pai fazia de conta que não sabia que a perturbava com as cenas de sexo selvagem que partilhava com o Adalberto. Eu era-lhes, por essa altura, indiferente. Mas o plano que engendrava com o intuito de angariar novas amizades era por mim terminado com um entusiasmo que não recordo ter sentido antes. E cheguei a pensar na estranheza que causaria aos meus amigos, quando lhes dissesse que morava com uma tia que tinha pernas de pau e dois pais, ambos com pila.

Porém, veloz foi a ventania que arrancou do meu sentido essa imensa e inocente claridade. Quando ultimava os preparativos para lançar-me na dita empresa, a tia Sara pariu. Parir não seria motivo para distrair-me dos meus intentos, acesos na altura como um lume perdurável, caso a coisa não se desse como a vi. Faltavam ainda três meses para que a criança não viesse antes do tempo. O meu pai tinha ido à vila na esperança de encontrar alguma coisa para comermos, para além do que obtínhamos do nosso cultivo. O Adalberto andava no telhado a compor uns estragos que a chuva de há dias causara. Ouvei gemidos. Fez-se, de repente, um calor insuportável pela casa e uma náusea arrebatou-me o corpo todo. Sei que caí. De imediato, apercebendo-me de que a minha tia estaria em aflições, tentei chegar-lhe. Quando alcancei a porta do quarto em que dormia, vi-a como desmaiada sem mover-se. E como uma erupção, uma cabeça minúscula entre as suas pernas de pau. Um ímpeto de vida insolúvel e perpétua. Até à dor. Corri na tentativa de acordar a recente mãe, no terror de não mais sentir-lhe a inspiração. Mas, na verdade, repousava num sono cerrado, o respirar pausado, exausto de arrastar-se até ali. Até à dor. Achei sensato não interferir no seu descanso. Olhei o bebé. Achei-o feio. Nunca tinha visto um tão acabado de nascer. Tive medo de pegar-lhe e de parti-lo. Chamei o Adalberto. Ele embrulhou o pequenito num lençol que estava húmido a secar no parapeito. Foi então que o seu choro rompeu forte nos meus tímpanos. O Adalberto embalava-o e cantava afinado uma tristeza sem fim. Quis o silêncio absoluto. Eternizar-me nessa ausência etérea, como um túmulo de pedra inviolável. E quis que como a ele me afagassem num abraço e protegessem do perigo.

Este filho da puta vai mas é matar-me. Olhem-me só para isto.

Aqui tem o seu filho. Já está a acalmar. Descanse.

Tia Sara.

Diz.

És um incêndio.

Aí por esse mundo onde tu andas, desconheces que me matas. Nada te pedira. Que tomasses conta de mim. Brincas com o modo como sofro?

Quero brincar com a tua coisinha. Dás-ma?

Dou-te um caralho.

Serve.

Abel pingava ainda a cera liquefeita dos ouvidos nas fendas que a tia Sara ganhara na pele. O Carlos ajudava-me a colar os dentes que eu guardara, na esperança de poder recuperá-los. Desejava muitas vezes agarrar as suas mãos para mordê-las. De uma candura obscena, os seus dedos macios rompiam-me as entranhas inflamadas de desejo. Carlos crescera comigo. Desde o dia em que chegou tão de repente a nossa casa, me quis aproximar da sua impenetrável quietude. Lembro-me da voz quase sumida com que disse que viera à procura do pai. A tia Sara, ainda mole das pernas, que pareciam querer ceder ao esforço do parto da véspera, fitou-o descarada com o ódio a acender-se-lhe no rosto. O meu pai e o Adalberto, num riso partilhado que me dera já alguma inveja, olharam muito aflitos o rapaz que se pusera à nossa porta. Nada disseram. Carlos ficou. Abel chorava a pedir mama, sôfrego no modo como à mãe se agarrava com a fome. Eu soube então que Carlos me trazia o tempo morto de uma acção que, antes programada com minúcia, se dilui, à força da entrada de um seu aparente resultado no inabalável equilíbrio da sua concepção. Quero assim dizer que o meu plano foi esquecido. Enquanto isso, a tia Sara redobrava o ódio que aspergia sobre o meu pai, a quem agora atribuía obscenos epítetos, tais como: fodilhão, bode de colhões inchados, rameira com pila, ardido de merda, animal do caralho, fornicador de putas baratas, panasca retorcido, tanto te faz ir a uma cona como a um cu, ao que ele respondia vai à merda e ela replicava vai tu. O Adalberto assistia às guerras de insultos com tranquilo receio de que as pernas de pau da tia Sara se tornassem armas de arremesso contra um corpo indesejado ao que eu dizia impaciente que o Abel era um esqueleto no berço, as correntes de ar massacrando-lhe os ossinhos, ninguém a dar-lhe o que pedia com o choro, que a mim sempre soava a alfinetes violando-me os tímpanos.

O menino tem fome. Deixem-se de tretas e tomem mas é conta dele.

O filho não é meu, é da tua tia, ela que o faça.

O outro não é meu e eu faço-lhe o comer.

Mas não trazes a comida para casa.

Não seja por isso.

No dia seguinte, andava eu de porta em porta a vender flores da trepadeira, e de nada adiantava que dissesse à minha tia que nem uma alminha lhes iria pegar. Ele é a crise, é a miséria, e flores já eles têm, quanto mais não seja, vêm no-las roubar, que aquela bosta daquela coisa florida deve ser, do pouco que nos resta, a única que produz algum assombro a quem passa. O facto é que o nosso jardim era bonito. E o Adalberto tornara-o quase artístico com a sua presença de faz-tudo, incluindo o trabalho de jardineiro. Mas a tia Sara, teimosinha, cismara de tornar-se também fonte de sustento àquela casa, que governava e mantinha asseada e composta, mas para onde não trazia nunca coisa alguma que se pudesse comer. E suportar acusações do fodilhão rasca era-lhe demais além da conta. As discussões entre ambos eram de tal modo acesas por essa altura, que temo ter percebido no Adalberto sinais de que um ligeiro ciúme começava nele a despontar com timidez. Gritavam impropérios de assustar a própria essência das palavras, socorriam-se de tudo o que na frente dos olhos lhes aparecia para o atirarem com violência ao outro, e o Abel sempre a chorar como um pedinte, a meter dó. Não me era possível estar em casa muito tempo. Especialmente por isso, me dava a ajudante da minha tia, ainda que o papel desempenhado mais não me desse que fama de insistente mendiga sem préstimo a considerar. O Adalberto mantinha-se na margem. O Carlos saía pela manhã e voltava apenas pela noitinha. Ninguém sabia o que fazia entretanto, até que, um dia, não resisti à vontade de sabê-lo, não fosse aquele seu carácter impassível fascinar-me a ponto de não querer conter em mim tamanho enigma. Era meu irmão, afinal, sim, meu irmão, mesmo que não parido pelo mesmo buraco que a mim me parira. Víamo-lo tomar espécies de infusões de origem incerta, fervendo num vapor que se espalhava pela casa, e um aroma dulcíssimo a inchar-nos de apetites. Quando lhe perguntávamos o que estava a beber, respondia sempre com um brevíssimo um chá. Bebo um chá. Onde raio ia ele buscar ervas, não o sabia. Por ali perto, nenhuma se achava apropriada para tais preparações, e dinheiro para comprá-las, ninguém acreditava que o tivesse. Segui-o então, mas logo fui notada pelo seu ouvido atento, e nem o meu andar descompassado e barulhento outra coisa poderia permitir. Tentei ainda esconder-me, mas de nada me valeu. Carlos recuou na minha direcção e visitou-me na traseira da árvore onde eu me colara, assim como o meu vestido, pegajoso de resina.

Queres vir comigo?

Pode ser.

Não me lembrava da vila. Sempre ocupada, em casa, dela tinha uma visão já desfocada, pois muito se passara desde a última visita, feita pela mão da minha mãe. Carlos

percebeu o meu encanto, aquela minha sede de tumulto, e sorriu-me em tom de acordo. Era dia de feira, o que logo se notava no correr das vendedeiras, e eu pedi a Carlos que me deixasse ir ver os livros e os filmes, pois já nem me lembrava do cheiro ou do formato de tão importantes objectos, símbolos da vida que eu queria fosse minha.

Não me parece que os encontres.

Porquê? Havia uma banca.

Sim, mas já não há.

Já não existem?

Não.

Eu sempre pensara que desenvolver-se o mundo e os humanos nos traria mais ofertas culturais além daquilo que eu desejara em criança, mas via agora quanto tempo se passara desde a minha primeira grande ilusão. Apertei o braço a Carlos tristemente.

E música, ainda há?

Há. Mas não aqui.

Então onde?

Não sei.

O meu irmão levou-me, assim, até à banca onde sentada se abanava com o leque a mais obesa das mulheres. Chamou-a por um nome que não lembro, mas sei ser estranho, e deu-lhe um saco pequenino retirado do seu bolso do casaco. Tome, faça com isso um chá. Ela sorriu e, lânguida e exausta em cada gesto, apalpou com uma mão a caixa de metal que tinha sobre a banca, podre de madeira carcomida, tirando dela uma das notas que guardava lá. Carlos tomou-a com vagar apreciativo, dando-me a mão para que fôssemos embora. Estava próxima a hora de almoçar-se, e o calor incomodava quase tanto como a fome. A tia Sara iria certamente ralhar-me por não ter ido vender as flores.

Vendeste-lhe um pedaço de cabelo?

Sim, era cabelo.

Para quê?

Foi então que Carlos finalmente me explicou porque saía todos os dias de casa, pela manhã, regressando tarde e acompanhado das mais inúmeras misturas que usava ao fervê-las na água das suas infusões. Com destreza, e consciente do perigo a que se sujeitava, arranjava uma maneira fácil de fazer dinheiro, dinheiro que guardava num esconderijo que nem a mim poderia revelar onde ficava. Consistia isso em roubar às escondidas um pedaço de cabelo a jovens bonitas, elegantes e saudáveis que se passeavam pela vila, que guardava posteriormente em saquinhos que cosia com as

folhas da nossa trepadeira. A primeira reacção que pensei que teria, como por instinto, seria a de vomitar aos seus pés, imaginando que cabelos se enrolavam na garganta como fios. Olhei-o com asco e com vontade irreprimível de dizer-lhe que tal coisa facilmente passaria por pior que andar metido no negócio da prostituição, e dos mais obscuros, que ele há sítios onde a actividade é legal e perfeitamente higiénica, ao contrário do que aqui acontece, pois estamos num país onde impera a moral, e jamais isso seria permitido. Carlos tentou dar-me uma explicação satisfatória para tamanha nojice, fazendo por convencer-me de que, daquele modo, não só fazia dinheiro com alguma facilidade, como ajudava pobres mulheres que acreditavam que ao ingerir partes, ainda que mínimas, dos corpos de outras mulheres, por elas consideradas mais saudáveis e mais bonitas, encarnariam elas próprias qualidades pertencentes às outras. Achei que não me competia falar, dada a minha expressão de evidente desgosto, ao que ele prosseguiu fazendo a apologia da liberdade na invenção dos mais distintos negócios, e tentando dissuadir-me da minha posição intransigente quanto ao que dizia. Contudo, apenas quando suplicou que eu não contasse a quem quer que fosse das suas ideias, oferecendo-me a oportunidade de integrar aquela empresa, me senti desmoronar um bocadinho. O facto é que as alusões que fazia a uma pequena fortuna me fizeram pensar silenciosa e mais sensata sobre o caso, não fosse ela ser-me muito conveniente, dada a miséria que em nossa casa germinava, e o meu desejo de dar ao bebé cuidados e mimos que ele de outra maneira jamais teria. Foi então que dei por mim perfeitamente divagando, a voz do meu irmão já longe do lugar em que eu ficara, sorridente a dar a mão ao pequenino. Estaria em casa com fome e a chorar, por entre a névoa intransponível do berreiro do meu pai e da tia Sara, sem ninguém que o embalasse e lhe limpasse a merda do rabinho. O Adalberto, no início, ainda tinha por costume ir dar-lhe um olho e entretê-lo, mas não o fazia agora, penso que em tentando vingar-se, mesmo que inconsciente e indirectamente, da tia Sara, que lhe roubava ao amado tempo de loucuras e de febres outrora tão frequentes. Tive pena do menino. Ou melhor, senti em mim uma tão grande compaixão que perguntei de não seria exagerado sentir igualmente que o amava, sobretudo, para além do compadecimento exigido às almas mais nobres em relação a quem sofre. Quis voltar a casa para tomar conta dele, e sem mais palavras disse a Carlos que sim.

Abel pingava ainda a cera liquefeita dos ouvidos nas fendas que a tia Sara ganhara na pele. Olhando-o enternecida, com Carlos a meu lado esmigalhando alguns cabelos com ervinhas, para que a tia Sara não se apercebesse do truque, guardado há já muitos anos apenas entre nós, lembrei de como rápido passara aquele tempo no seio de tão estranha e envelhecida família. Quinze anos. Abel estava forte e feito homem. Carlos mantinha na pele aquela brancura apetecível e inconcebível que às meninas tanto encantava, embora para mim tivesse perdido, com a frieza por vezes demonstrada, algum do amor que eu quisera dedicar-lhe. Mas aquele que eu descobrira por Abel crescia admiravelmente dia a dia, tendo feito de mim sua companheira e sua amiga, depois de por algum tempo, para si desvanecido, ter feito de mim sua mãe. Entre ele e a tia Sara notava-se somente respeito, nenhuma afeição particular, o que se verificava igualmente em relação ao meu pai e ao Adalberto. Na verdade, todos nós nos afastámos consideravelmente a partir do momento em que Carlos entrou naquela casa e, apesar de se ter amenizado o ambiente com o tempo, restaram na paisagem inúmeras pequenas crateras impossíveis de tapar. Nada me convencia de que a tia Sara e o meu pai não se amavam fervente, incontrolável, e orgulhosamente, a ponto de não quererem revelar que o sentiam. A tensão entre o triângulo amoroso não mais se dissipara. Enquanto isso, Abel crescia, eu tornava-me menos jovem, assim como Carlos, em idades agora de casar e de ter meninos, como dizia o Adalberto, e os três amargavam-se naquela velhice obstinada que cumpre aos que não sabem que fazer a tanto amor. O meu irmão engraçara com uma rapariga que depressa descobriu o seu segredo, ofertando-lhe madeixas de cabelo com o intuito de o conquistar. Trazia nas mãos cabelos loiros da criadita, nova nas lides do negócio, onde entrara também. Toma, faz com isto um chá, disse-me, e mais baixo, explicou-me que os dentes dela eram muito firmes e brancos, que poderiam ajudar-me quanto aos meus, prestes a caírem. Mas eu nunca acreditara nas propriedades taumátúrgicas daqueles malfadados chás. Bem sei que se fizesse um esforço no sentido contrário, me redimiria mais completamente dos pecados que me levarão a expiar eternamente, mas suponho que me baste evocar o sentimento que me trouxe até ao estado lamentável das más obras, para não ser tão cruelmente condenada. Toma, não quero, e devolvi-lhe a mistura. Abel aproveitava a sua saliva para molhar um pano com que curava as feridas da mãe. Embora o nosso negócio nos tenha permitido arrecadar algum dinheiro, nunca fizemos, como julgáramos, uma fortuna, mesmo que pequena, e a minha tia achava ainda, ao fim de tantos anos, que íamos juntos vender flores da trepadeira, quando apenas as arrancávamos para ocultar a realidade. Tudo me

surgiu à memória. As tardes de colo da tia Sara, quando ainda era viva a minha mãe, o desejo que sentira por Carlos, quando mal me apercebia de que não só era meu irmão, como também um homem desinteressante, para além da sua palidez. Os dias em que aquelas duas pernas de pau carregavam consigo caixas de pastéis que eu devorava, e o Abel ali, tão triste, a poupar água, como antes eu fizera, ao reunir em bacias a da chuva que caíra violenta em nossa casa, inundando os quartos. Pensara aproveitá-la para os banhos. Quanta saudade dos idílicos crepúsculos que em criança eu admirara, quão infinita melancolia.

Já se vêem os dias, não acham? Já se conhecem os dias, quero dizer, já se conhecem.

Já se vêem os dias, sim. Já se conhecem.

Já se conhecem os dias e os meus dentes estão a cair. Carlos diz qualquer coisa. Julgo ouvir falar da nossa avó e dos dias que se põem exaustos como homens. Quem dera que Carlos tivesse conhecido a nossa avó. Quem dera que Abel tivesse conhecido a nossa avó, nossa de ambos, tão inacreditável de tão velhinha, de tão nossa. Poderia ser a de Carlos por empréstimo, ela decerto aceitaria. Imaginei. E sorri. Carlos puxou-me pelo braço para um canto da cozinha, e logo eu percebi a gravidade do seu gesto pelo ar desamparado que deixou de disfarçar, assim, só comigo. Pensei que ouvira mal quando me deu a consciência da grande estupidez que ele me disse. Que a sua namorada não funcionava muito bem do cerebral, pior ainda do que nós, e que lhe oferecera de livre e espontânea vontade um pedaço do seu loiro e brilhante cabelo, eu já sabia. Mas que quase o ordenara a raspar das pernas da minha tia um pedaço que pudesse guardar numa garrafa, que provavelmente não serviria para mais do que enfeitar, e que objecto deprimente seria, eu não podia conceber sem surpresa. Perguntando a Carlos para que queria ela aquilo, ele respondeu simplesmente porque sim. Porque sim. As pernas de pau da tia Sara são giras, únicas até, e não há nada que supere uma estúpida e original prova de amor. Fiquei boquiaberta, esperando que me dissesse que tinha eu a ver com tamanho estapafúrdio, ao que ele respondeu que iria precisar da minha ajuda para levar a bom termo tão árdua operação. Confesso que esperava que aquela sua confissão não passasse de um modo de arrancar de mim uma aprovação para acabar com o namoro, não fosse eu considerar que o meu irmão, por solidariedade feminina, estava a ser muito cruel para com a menina. Não esperava, porém, que me fosse suplicar que o ajudasse, quando eu sabia que ele saberia que decerto o iria proibir de o fazer. E fi-lo. Demorei a reagir, mas acabei por fazê-lo, e sei que o fiz de maneira a Carlos perceber que, caso ele não me obedecesse, o caso tornar-se-ia grave para si. Apesar disso, o meu irmão,

embora não parecesse apaixonado para lá da conta, não era homem de passar por fraco aos olhos de uma mulher, mesmo que uma mulher idiota. Por isso, quando já noite eram suspiros e mais roncões pela casa, Carlos cismou de, sem barulho, ir à cozinha procurar uma espécie de faca que se usava apenas para cortar coisas excessivamente duras. Na verdade, o seu silêncio ultrapassou qualquer ruído, e nada se parece ter movido, nem o ar, a cada movimento que o seu corpo, talvez a medo, executou. Mas a tia Sara nunca foi de se dormir pesadamente, acordando ao mais leve desequilíbrio de que se apercebesse. Despertou no momento preciso em que Carlos erguia o horrendo objecto cortante, de olhar concentrado, e, como por instinto, pensando, suponho, que ele, filho ilegítimo do fornicador de putas baratas, tinha pretensões de a matar. A tia Sara não lançou sequer um grito, quem o fez foi o meu irmão, quando à pele lhe chegou o fogo que a minha tia deixara aceso numa vela junto à cama, coisa que muito eu a aconselhara a não fazer. Parecia enfim o fim do mundo aquela casa. Depressa a tia Sara se agarrou ao meu irmão para bater-lhe, mas ele na aflição da queimadura deu-lhe um soco que a fez guinchar até ao osso. Quando pude então chegar até ao quarto da minha tia, já o Adalberto entrara, e o meu pai com o pijama a cair-lhe pelas pernas tencionava fazer o mesmo, caso não antes deparasse com o quadro que, depois de eu o empurrar, também vi. A tia Sara desgrenhada e espumosa segurava a faca sobre o Carlos, e o Adalberto tentava tirar-lha da mão. A vela caíra ao chão e a chama que nela era tão frágil ganhara, ao tocar no chão, uma dimensão incendiária e tenebrosa. Quando ia para aproximar-me, o Adalberto, num ímpeto de louco, arrancou do chão a minha tia, com uma violência que eu não sabia ser-lhe possível, para empurrá-la para o fogo que alastrava. As suas pernas de pau arderam veloz e irremediavelmente. Abel chegara entretanto e com ele, enquanto o meu pai, o Adalberto e o meu irmão miravam o cenário feitos parvos, tentei acalmar o braseiro que ali se gerara, a minha tia a gritar do fogo que lhe chegara já ao dorso em carne, mas nada se podia mais fazer àquela tragédia.

Sara, tia Sara. És um incêndio.

Não tardou que percebêssemos quão perturbado o meu pai se sentia com a morte da minha tia. A sua tristeza era visível, mesmo que discreta e muda, e dele só se ouviu uma palavra quando Adalberto, a desculpar-se, mas sem poder disfarçar que se sentia aliviado com a ausência da sua rival no amor que pelo meu pai tinha, lhe perguntou porque brincava com o modo como sofria. Brincas com o modo como soffro?

Quero brincar com a tua coisinha. Dás-ma?

Dou-te um caralho.

Serve.

E foi então que o Adalberto, de orgulho ferido, e sem tentar sequer esconder que de nada se sentia arrependido, pegou no pouco que de seu havia ali naquela casa, e partiu. Com ele foi também o meu irmão, mas não porque quisesse acompanhá-lo. Imagino que terá sentido, na profunda mágoa de Abel e no meu olhar recriminatório e perdido, que a sua presença jamais fora tão indesejada como naquele momento. Não ficaram sequer para o enterro da tia Sara. Só nós os três e uns poucos de vizinhos se arrastaram até ele, ainda que ninguém para além de nós soubesse que o real motivo da sua agora terminada existência não era o simples descuido de uma vela acesa, como fizemos questão de admitir. O meu pai não era já o homem que eu julgara nunca vir a conhecer, na frieza distante de uma permanente e intacta alegria. Achava-o tão terrivelmente condoído, de caminhar e gestos de uma dolência que pesavam no espírito. E sei o quanto amava a minha tia, apesar da rígida disciplina com que sempre manipulara o sentimento no sentido da repulsa. Foi num dos dias que se seguiram que Abel, que até aí andara calado, embora à noite, sem falar, viesse esconder-se no meu peito e dormíssemos juntos na mesma cama, dizendo tudo o que se não pode dizer, me pegou na mão para levar-me até à cave. Sob uma manta que eu já vira, mas em que não me atrevera a tocar, Abel escondia uma meia dezena de diferentes objectos que me passou pela cabeça serem instrumentos musicais. Fiquei petrificada. Pensava que daquilo nada restava no mundo. Há muito a humanidade perdera a sua força suprema, a sua arte maior. Olhei na esperança de que fosse confirmar-me o pensamento. Fê-lo, e eu não pude conter um bater de palmas entusiasmado e infantil. Foi esse o primeiro dia da nossa verdadeira vida a dois. O meu pai aprendia, a pouco e pouco, a sentir-se feliz na sua tão absoluta solidão. Eu e Abel dedicávamo-nos a tempo inteiro àquela fascinante descoberta. Na verdade, nunca até aí tivéramos noção de que viríamos a ter tanto sucesso. Começámos a ir à vila tocar para as pessoas que passavam, e depressa uma fortuna foi surgindo, pois já ninguém se lembrava de um dia se ter sentido emocionado por um conjunto de sons, e era aquilo um nascimento inesperado, uma ressurreição. Como aprendemos a tocar naquelas coisas pouco importa, julgo que sempre tivemos um talento natural para o ilimitado. Éramos amigos. E estou certa de que em parte alguma, na História na humanidade, se terá visto um casal tão loucamente apaixonado um pelo outro e pela vida como nós, naquele tempo em que fugimos para um mundo encantado. Havia merda por todo o lado à nossa volta. Mas tínhamo-nos. E bastava.